

Bolsonaro - uma epifania digital em rede

Nós analistas políticos erramos em nossas avaliações sobre o processo eleitoral de 2018. Ancorei minhas análises num tripé: estrutura partidária/fundo eleitoral, tempo de televisão e redes na internet como equivalentes. As redes de smartphones (WhatsApp e Telegram) e sociais foram preponderantes e pautaram as mídias impressas e eletrônicas - televisões e rádios. Esse erro fez com que não percebesse o movimento de renovação da Câmara dos Deputados. Não percebesse o tamanho gigantesco do movimento pró-Bolsonaro e sua influência como pólo de transferência de votos para candidatos a governador, senador e deputados.

Tenho que reconhecer que não apliquei as sábias indicações de Sérgio Abranches em seu magnífico livro *A Era do Imprevisto*. Estamos diante de um desafio metodológico. Como fazer cenários prospectivos num mundo cibernético e com predominância das relações sociotécnicas a nível micro e macro, numa sociedade de múltiplas e concomitantes redes de afetos. A era é de desencaixes e reencaixes permanentes e radicais, gerando sociabilidades instantâneas e com convicções muito firmes. Foi a eleição mais politizada que observei desde 1974.

Os modelos tradicionais de observação política e de dinâmicas sociais trabalham com modelo de contradições estáveis e não com as disruptivas. A sociedade em rede traz esta novidade - rupturas constantes e rearranjos instantâneos. As redes de afetos constituem-se na nova base social. Uma eleição mobiliza indivíduos e suas relações com os micro e macro grupos pela expectativa acerca das consequências do voto.

Houve por parte da maioria dos analistas políticos a super valorização de Lula e do PT, G. Alckmin e sua imensa estrutura partidária, o tempo de televisão e rádio no período de propaganda eleitoral e, sobretudo, o custo das campanhas num novo modelo de financiamento que privilegiou as oligarquias partidárias e sua imaginada capacidade de perpetuação.

Todos os indícios pró-Bolsonaro foram descartados, sua visão de mundo extremamente conservadora e religiosa em relação aos costumes e a pauta de enfrentamento ao identitarismo. Aquilo que o sistema político e demais partidos recriminavam ou zombavam em Bolsonaro era exatamente o que o fortalecia junto à maioria da população. Acusar Bolsonaro de ser um risco à democracia foi uma contradição, pois a percepção da maioria da população era o oposto, ou seja, quem representava ameaça era o PT.

A arrogância acadêmica e a prepotência intelectual desconsideraram o sentimento da maioria da população classificado como tosco, vulgar, desqualificado e moralmente inferior, não percebendo que a população havia criado suas próprias redes de debate em suas relações intermediadas pelas diversas plataformas digitais. Estamos imersos em novos tempos em que a epifania individual é coletivizada pelas redes de afetos digitalizadas.

O modelo de democracia representativa está em cheque e formas de participação direta estão se sobrepondo às intermediações políticas e sociais.

Ou seja, o ser humano está entrando numa nova fase do Humanismo, sendo transformado por uma radicalidade do individualismo expressada em múltiplas plataformas. É um ser humano hiper conectado.

Estamos diante de um Humanismo cibernético. Fernando Haddad e os demais apostaram nas relações sociais clássicas do mundo capitalista do século XX. Ignoraram na prática a realidade neocientífica já vivida desde os anos 1990 com a expansão da internet e da telefonia móvel, experimentados nas manifestações de 2013 em diante.

Bolsonaro significa efetiva- mente o novo mesmo que seja rejeitado pela vanguarda do pensamento encontrada nas universidades, partidos políticos e centros culturais. O candidato se fez presente junto às multidões a partir do check-in dentro de casa. Em contato permanente com sua imensa rede de seguidores, formadores de opinião.

O que parecia uma fragilidade se mostrou uma fortaleza de marketing, pois estabeleceu uma relação de intimidade. Se transformou no centro das atenções, mesmo na mais significativa manifestação pró-oposições como #elenão. Foi um movimento capturado pela campanha bolsonarista e ressignificado, devolvendo-o como mais um marketing a seu favor mesmo que por vias indiretas.

Paulo Baia

Doutor em Ciências Sociais pela UFRJ e cientista político.